

Estado de Mato Grosso
Secretaria de Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

Condições de trabalho de gramáticas nas Escolas Estaduais.

Sandra Gonçalves Pereira

BIBLIOTECA	
UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N°	5907
Data	26 / 01 / 00

Pontes e Lacerda - MT
1999

Turno - 1999/2

Ex. 01

Sandra Gonçalves Pereira

Exercícios gramaticais do livro didático
como suporte teórico ou rotina pedagógica.

Ensaio monográfico proposto
pela disciplina Prática de Ensino
de Língua Inglesa e Literatura do
curso de licenciatura plena em
Letras, no Campus Universitário
de Pontes e Lacerda MT.

Pontes e Lacerda - MT

UNIVERSIDADE DE PONTES E LACERDA
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

“Existem derrotas, mas não existe o sofrimento. Um verdadeiro guerreiro sabe que ao perder uma batalha está melhorando sua arte de manejar a espada. Saberá lutar com mais habilidade no próximo combate.”

Paulo Coelho

Agradeço a Deus por ter me
dado força e perseverança para
que não desistisse, aos meus
pais, às professoras Shirley
Maschio e Marlene Flores que
muito me ajudaram para
realização deste trabalho.

Dedico este trabalho final à
minha querida filhinha Karolina
que durante longas horas dormia
para que eu pudesse concluir este
trabalho.

UNEMAT

Campus Três Lagoas - Curso de Engenharia de Alimentos - 2013
BIBLIOTECA

Sumário

Apresentação	5
Fundamentação Teórica	6
Análise dos dados	12
Considerações finais	20
Bibliografia	21
Anexos	

Apresentação

Ao longo de vários anos, venho me deparando com um ensino ineficiente e não significativo nas Escolas Estaduais, e por estar atuando como professora lecionando aulas de Língua Portuguesa, levou-me a um grande interesse em como trabalhar exercícios gramaticais de forma que chamasse a atenção dos alunos e que ao mesmo tempo estivesse preparando-os para a vida social.

Mediante a muitas indagações que me acompanham nesse minha trajetória profissional procurei delinear um trabalho tendo como foco principal "Condições de trabalho de exercícios gramaticais nas escolas estaduais".

Para realizar este trabalho primeiramente busquei embasar-me em leituras que pudesse servir de referências para uma possível abordagem da fundamentação teórica e do análise dos dados que estão apresentados a seguir.

"O que já é sabido não precisa ser ensinado." (Sírio Possenti, 50:1998).

Para certificar-se disto, estive fazendo um trabalho de observação em algumas aulas de Língua Portuguesa numa perspectiva de reflexão e na busca de dados para a realização de um breve análise de dados.

Desta forma, presenciei métodos que desconsidera os conhecimentos veiculados à realidade existencial e o professor numa rotina pedagógica embasando em livros didáticos com exercícios repetitivos, mecânicos e cansativos como se o mesmo fosse a verdade absoluta.

Quadro Teórico

O contexto escolar deve primar por planejamentos de ensino que integram a escola e o meio social, pois a escola faz parte de uma sociedade, de acontecimentos que chamam a atenção dos alunos e isso não pode deixar de ser enfatizado.

A maneira de ensinar e o que ensinar nas aulas de Língua Portuguesa, torna-se um desafio para os professores que almejam fazer um trabalho produtivo. “Para Sírio Possenti a única opção de uma escola comprometida com a melhoria da qualidade e do ensino está entre ensinar ou deixar de aprender...” (21,1998).

Todo aluno possui capacidade de aprender, pois seu universo de conhecimentos é maior do que imaginamos, sua história de vida não pode ser esquecida na sala de aula. É no contexto social do aluno que podemos assegurar a produção de texto, respeitando sua coerência e coesão, basta darmos importância e acompanharmos os níveis de conhecimento de cada educando. Ensinar a escrever textos fora do convívio de textos verdadeiros se torna uma tarefa difícil. Então, pode-se imaginar a dificuldade que o aluno terá em entender aspectos gramaticais trabalhados de maneira sistemática.

No dia-a-dia da sala de aula há uma grande ausência de atividades de produção e compreensão de textos. Considera-se procedimentos concentrados na utilização de metalinguagens, que não oferece progresso, insistindo na repetição dos mesmos tópicos gramaticais. Trata-se de um programa previamente estabelecido desconsiderando as dificuldades desse ou aquele aluno. Se a escola preza por formar cidadãos críticos e conscientes capazes de compreender diferentes textos passando a enfrentá-los é necessário que ofereça textos de mundo, solicitando que façam comparações dispondo de

suas práticas significativas. "... não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas." (Sírio Possenti, 47: 1998).

Quando se pretende que o aluno construa conhecimentos, há que se ter a explicitação do que se deve ensinar e como ensinar. O trabalho educacional nas escolas, estima pelo ensino mecânico e inadequado, no entanto o ensino de gramática não é diferente, os professores se apegam a regras de gramática normativa que são estabelecidas de acordo com a tradição. Tais regras e exemplos são repetidos todos os anos, como se fosse a maneira mais correta e necessária. Dessa forma, esses professores acreditam que os alunos estarão sendo preparados para um melhor desempenho lingüístico. Os exercícios por sua vez não vão além dos conhecimentos dos alunos, pois aparece como algo desligado de qualquer utilização prática, sempre com as respostas iguais a todos eles, sem que valorize o processo e a qualidade apresentada pelo educando.

Ao trabalhar exercícios gramaticais, há esperanças por parte do professor de que os alunos dominem a língua, e que estabeleçam a competência comunicativa.

O domínio de uma língua, é o resultado de práticas efetivas, significativas, contextualizadas. A escola poderia aprender muito com os procedimentos "pedagógicos" de mães babás e mesmo de crianças. O fato de que as crianças não façam exercícios, não repitam formas fora de contexto significativo não significa que não sejam expostas suficientemente às línguas. É que não pode parecer, mas falamos tanto e as regras são relativamente tão poucas que acabamos por aprender. (Sírio Possenti, 48:1998).

Para os alunos discernirem os aspectos gramaticais da língua não precisam ser bons escritores de textos. É necessário que se proporcione a eles oportunidades

respeitando às diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas, sobretudo sua história de vida, configurando uma proposta aberta e flexível.

Um fato observável é que no cotidiano de cada criança fora da escola não se depara com métodos e exercícios repetitivos. Portanto, as atividades de ensino de gramática devem considerar as práticas significativas que cada aluno possui desde o momento que concebeu a fala, simultâneo ao domínio da língua. No contexto familiar, a criança assimila uma língua, e faz o uso com naturalidade e eficácia sem que haja atividades lingüísticas.

Os conhecimentos lingüísticos construídos pela criança permitem o desencadeamento de novas perspectivas no sentido de desenvolver cada vez mais a sua autonomia. É no processo de construção da fala que conquista-se regras gramaticais.

As crianças brasileiras falam o dia todo em português (e não em chinês, alemão, etc.). Logo, sabem em português. Os brasileiros cuja situação social e econômica não lhes permitiu que estudassem muitos anos (as vezes, nenhum) falam o tempo todo. E claro falarão como se fala nos lugares em que eles nascem e vivem, e não como se fala em outros lugares ou entre outro tipo de gente. Logo, falam seus dialetos. Logo, sabem falar. (Sírio Possenti, 30:1998).

A escola ao desenvolver seu projeto educativo, faz-se necessário integrar ao convívio dos educandos, pelo fato que a criança aprende a falar fora da escola no seu dia-a-dia, e não dentro da sala de aula. É possível o reconhecimento de suas potencialidades individuais. Enfim, todo o ser humano que constitui a fala, sabe falar, mesmo não conhecendo as regras da gramática.

Numa mesma língua pode-se destacar dialetos, os quais, compreendem um processo de avaliação relacionado aos aspectos gramaticais disponíveis na fala de cada pessoa, associando ao preconceito social, pela falante.

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, não enfatizando a correção da forma em que está sendo falada, mas adequando às situações de uso produzindo o efeito pretendido. Não é papel da escola ensinar o aluno a falar, pois isso a criança aprende antes de ir para a escola. “Evidentemente não existem limites claros e preciso entre os diferentes dialetos regionais. Na verdade, estabelecem-se limites de acordo com determinadas convivências.” (Luís C. Travaglia, 47:1994).

Essas evidências podem ser sociais e ou econômicas, quanto mais a região for desenvolvida economicamente mais os falantes terão condições de freqüentar a escola que como Sírio Possenti coloca. :”... o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido. Qualquer outra hipótese é um equívoco político e pedagógico.” (17: 1998).

Há que levar em conta que a língua se divide em escrita e falada, e que as duas tem gramáticas. A gramática da língua falada é ampla e irrestrita, pois ao falar estamos repetindo as palavras ou criando novos significados para aquelas que já possuem uma carga de significação. Já a língua escrita convencionou que a gramática seria um livro, a qual englobaria todas as regras da língua falada, só que por ser um livro, por mais páginas que tinha, não consegue englobar todas as regras da gramática falada que são criadas a todo momento pelos falantes. Isto se confirma em Sírio Possenti. “Os dicionários e as gramáticas são bons lugares para conhecer aspectos da língua, mas não são os únicos e podem até não ser os melhores.” (23:1998).

Assim há que se levar em conta que todo o falante domina as regras que compõem os fatos da língua, porém se dúvidas aparecerem no ato da escrita, o autor tem a liberdade de pesquisar nos dicionários e gramáticas para saná-las no sentido que ao escrever, o faça dentro do padrão culto da língua.

Para que um falante domina as regras da língua não é necessário que se proponha o mesmo exercício gramatical várias vezes para que decore, mas naturalmente o falante torna-se sabedores das regras.

As regras de uma gramática normativa, se assemelham às regras de etiqueta, expressando uma obrigação de certo ou errado. Seguindo-as, os falantes são avaliados positivamente (na vida social e na escola). Violando-as, os falantes tornam-se objeto de reprovação (são considerados ignorantes e não digno de passar à série seguinte na escola, por exemplo).
(Sírio Possenti, 73:1998).

Isto acontece quando ouvimos a fala de alguém especificamente os de níveis sociais baixo. Percebe-se que em sua fala há características diferentes que são taxados como erros e o falante como ignorante. Essa é uma idéia problemática, pois trata-se de um grande preconceito. Se os falantes de uma língua não fazerem uso da norma culta, certamente estarão reprovados dentro da sala de aula e na sociedade.

A gramática normativa tornou-se uma espécie de lei que rege o uso da língua numa sociedade e é prestigiada por uma camada social. A escola por sua vez é uma aliada a essas regras de gramática, e nessa perspectiva é tradicionalmente ensinada nas escolas, e mais, e colocada para os alunos como a única maneira verdadeira para a comunicação.

Os exercícios gramaticais expostos pelos professores não oferecem nenhum enriquecimento do conhecimento prévio, servem somente para preencher o tempo em sala de aula, pois tudo fica para trás no momento em que os alunos saem da escola para casa. Presume-se que não ajuda o aluno em nada, ficar nas aulas de Língua Portuguesa copiando exercícios gramaticais.

Quando se fala, não utilizando a norma culta da gramática não quer dizer que o pensamento está errado, por isso não deve ser reprovado, taxados de ignorante. Todas as pessoas consideradas “analfabetas”, por nunca ter freqüentado a escola, este por sua vez é dono do seu dizer, não tem conhecimento de nenhuma regra gramatical mas consegue transmitir a mensagem e é compreendido.

Será que esses falantes devem ser reprovados? É evidente que não, mas a sociedade os reprovam. Em casa, todos os falantes que não freqüentam escola não realizam tarefas como separar sílabas ou usar diminutivos e aumentativos num método repetitivo, isso não acontece e no entanto conseguem usar as palavras constituídas no momento da fala.

Análise dos dados

Nesse trabalho, pretendo analisar o tema “Condições de trabalho de gramática nas Escolas Estaduais”. Proponho que procuraremos refletir sobre exercícios gramaticais, especificamente os que são trabalhados na sala de aula durante o ano letivo, na disciplina de Língua Portuguesa. Deve haver questionamentos sobre a forma que os exercícios gramaticais estão sendo trabalhados, se realmente descrevem o funcionamento da língua e se os alunos conseguem fazer transferência desse conhecimento para o uso do dia-a-dia.

Ensinar gramática ou não ensinar gramática está sendo uma grande preocupação para muitos professores. A questão que está mobilizando os interesses dos professores são programas novos que estão sendo implantados para que aconteça melhoria na Educação. “Os Parâmetros Curriculares Nacionais apoiam-se em normas legais e procuram contribuir na busca de respostas a problemas identificados no ensino fundamental, objetivando uma transformação de ensino que atenda as demandas da sociedade brasileira atual.” (P.C.N. Introdução, 49:1998).

Esta lei estima por abordar princípios e metas de projeto educativo, que permitem flexibilidade no currículo, o qual possa ser elaborado em sala de aula num conhecimento comum a todos.

Por causar demandas escolares, a questão ensinar ou não ensinar gramática levou-me a fazer observações em algumas aulas de Língua Portuguesa, para que pudesse colher alguns dados para um breve análise.

Nas aulas que presenciei, percebi que a professora assume totalmente uma tradição escolar, a mesma estrutura, seu plano é elaborado somente com (1) um livro didático, bem como prioriza os exercícios gramaticais fora do contexto social dos alunos.

O livro didático que traz por nome Português Palavras & Idéias de José de Nicola e Ulisses Infante desempenha uma tarefa transformada em rotina pedagógica, o mesmo propõe basicamente exercícios com mera decodificação, não prevalece a preocupação de explorar os conhecimentos prévios. Nas propostas textuais, não veicula informações necessárias para que o aluno contemple a estrutura de cada tipo de texto. Os conteúdos gramaticais ganham maior importância do que o trabalho com a leitura e com a produção.

Tradicionalmente, nos livros didáticos estão organizados e disponíveis os conteúdos básicos dos programas de ensino; estão também, atitudes e valores que se pretendem desenvolver e preservar, procedimentos já testados, orientações para o estudo abertura para o mundo (...) Cada publicação é um produto de uma dada visão de mundo, de homem, de educação e de escola. (Guia de Livros Didáticos 5ª a 8ª séries, 9,10: 1999).

Esta afirmação desconhece as concepções de mundo existente nos alunos. Os alunos, no entanto são seres humanos e não robôs programados para aprender o que o professor convém ou o que o livro didático determina.

O professor ao se apegar ao livro didático como única fonte de ensino está totalmente equivocado, pois o mesmo leva informações e teorias desatualizadas, valores não coexistentes com a construção de cidadania, além disso possui erros inaceitáveis e propostas que desconsideram as diferentes capacidades dos alunos, textos e atividades sem sentidos e exercícios repetitivos.

O que já é sabido não precisa ser ensinado. Seguindo esse princípio, os programas anuais poderiam basear-se num levantamento bem feito do conhecimento prática de leitura e escrita que os alunos já atingiram e, por comparação com o projeto da escola, uma avaliação do que ainda lhes falta aprender. Nada de consultar manuais e guias para saber o que deve ensinar... (Sírrio Possenti, 50:1998).

Nas aulas observadas, pude constatar também que o professor não utiliza esses meios para ensinar. O professor inicia a aula utilizando como material didático o giz, o quadro-negro e um livro didático. Os alunos conversam muito e não dão tanta atenção à aula exposta, o professor explica a matéria, em seguida os alunos abrem o livro na página que o professor indica, alguns copiam com rapidez, outros brincam. Assim que terminam, completam os exercícios e são corrigidos com o professor usando giz e o quadro-negro. Os exercícios ficam todos descontextualizados, os procedimentos didáticos não despertam para que a maioria dos alunos questionem.

1- Copie, em seu caderno, as frases abaixo, substituindo os asterísticos por e ou i.

- a- Ela sa(*) todas as noites as 8 horas.
- b- Atu(*) com firmeza; não recu(*).
- c- Jeju(*) apenas uma vez por ano.
- d- A emoção o tra(*) sempre que ele a vê!
- e- Constró(*) tuas amizades com dignidade.

Estes exercícios são meramente cópias do livro didático. Os métodos não promovem curiosidades, a aula não possibilita integração com os acontecimentos

externos, tudo fica estanque, limitado ao ensino passivo. Entende-se que o professor e o aluno estão um à frente do outro somente para cumprir um plano pré-determinado.

Os professores, em sua maioria, não atribuem à educação e à escola um papel exclusivo no desenvolvimento da consciência crítica. A escola é uma das vias, porém, não a única. De modo geral, os professores colocam a escola como mediadora entre o aluno e o mundo social, considerando que a ela compete a importante missão de ser a transmissora de um conjunto de conhecimentos historicamente produzidos. (Luís C. Travaglia, 80: 1994).

Neste sentido, o trabalho educativo exige muito do aluno, o que não se tem consciência, sobretudo, separa a capacidade de conhecimento por estar na escola, não em casa ou no trabalho. Deve haver consideração das experiências vividas do mesmo modo que em todos os lugares o aluno está produzindo conhecimento, mas a escola desliga do aluno o seu mundo exterior. Nota-se numa aula em que o professor abre o livro didático e passa para o aluno simplesmente o que veio determinado, como o exercício que segue.

1- Assinale a única alternativa em que há erro de ortografia.

- a- É um tipo de jipe que possui computadores para substituir o motorista.
- b- Dizem que a posição dos astros no momento do nascimento de uma pessoa influi em sua vida.
- c- Ele que me perdoe mas não posso concordar com esse absurdo!
- d- O governo atribui a inflação aos empresários e vice-versa.

- e- Esperamos que a solidariedade entre as pessoas continue, não seja apenas momentânea.
- f- Embora ele atue no campo da medicina, não deixa de participar de eventos relacionados à arte.

Neste exercício fica notório a transmissão da matéria em que a metodologia torna-se estritamente abstrata, estática e instrumental desprovida de conteúdo, visando totalmente as informações estabelecidas no livro didático. Desta maneira o ensino não propicia ao aluno a reflexão e a crítica.

Os exercícios gramaticais proposto pelo professor não viabiliza a preparação dos alunos para a vida, pois as aulas são mecânicas, não despertam interesses nos alunos. A ação pedagógica deve ajustar-se ao que os alunos conseguem realizar em cada momento da aprendizagem, para constituir uma verdadeira ação educativa. Para que isso aconteça a escola deve estar atenta às várias influências para venha propor aprendizagem significativas.

Dar aulas no sentido de transcrever o livro didático para o quadro-negro não possibilita o crescimento do conhecimento do professor e menos ainda, do aluno.

O professor ao transmitir para os alunos sobre verbos ele utiliza as formas convencionais existentes no Livro Didático, são explicadas com palavras soltas, e é feita a repetição dos exercícios, os verbos não correspondem com a realidade. O comportamento do professor é incoerente e contraditório, muito distante dos valores dos alunos.

As formas verbais são apresentadas no quadro e todos os alunos acompanham, cada um com seu livro aberto.

Eu tenho	Eu venho
Tu tens	Tu vens
Ele tem	Ele vem
Nós temos	Nós vimos
Vós tendes	Vós vindes
Eles têm	Eles vêm

Será que esta maneira de ensinar os alunos está preparando os alunos a serem bons escritores?

Sabe-se que levará o aluno a decorar os exercícios enquanto estiver dentro da sala de aula, pois quando estiver fora tudo estará esquecido por ser uma tarefa escolar cobrada somente na escola.

É importante que durante as horas em que o aluno permanece em sala tenha bons aproveitamentos, que não fique somente em cumprir horário ou utilizando métodos que levam a nenhuma significação.

Não vale a pena recolocar a discussão pró ou contra a gramática, mas é preciso atingir seu papel da escola - que é ensinar língua padrão, isto é, criar condições para seu uso efetivo. É perfeitamente possível aprender uma língua padrão, sem conhecer os termos técnicos com os quais ela é analisada.
(Sírio Possenti, 54:1998).

Para que se desenvolva a competência lingüística muitos professores repassam para os alunos exercícios de fixação, estabelecendo técnicas e cobrando-as rigorosamente em avaliação extensas e cansativas que conseguem deixá-los irritados, desanimados com

tantos exercícios sem sentido e que por fim não servirá para nada. Os alunos ao se expressarem em qualquer lugar que se encontra, sem perceber estão construindo conhecimentos. Não é repetindo várias vezes o mesmo exercício que o aluno se constrói historicamente, mas somente com experiências concretas.

Todas as aulas que presenciei o professor não deu importância a nenhum texto, todo o tempo foi para trabalhar exercícios gramaticais e que os mesmos seriam cobrados em avaliação. Em nenhum momento o professor posicionou-se criticamente.

Há de se perceber que os alunos deveriam ser ótimos em gramática, pelo tanto que é enfatizada nas aulas, Sírío Possenti deixa claro que

... admitindo que a gramática fosse importante, então deveríamos estar formando alunos que teriam notas próximas de dez em provas de gramática. Mas o que se vê são alunos que, depois de uma década de aulas de gramática, teriam notas mais próximas de um do que de dez. ou será que não é porque não sabem gramática que tem notas baixas? Se for, só há uma explicação: é que as provas não são compostas apenas de questões de gramática. (56:1998).

Isto significa que tantos exercícios gramaticais nas aulas de Língua Portuguesa não corresponde a boas notas, e acarreta ao aluno ter que estudar tudo novamente para que alcance uma média necessária na prova de recuperação. Nota-se que dificilmente um aluno consegue dez numa prova de Língua Portuguesa, mas o professor considera uma missão oferecer um ensino que permita que os alunos falem e escrevam de acordo com as regras vigentes da gramática tradicional.

Quanto aos problemas gerais apontado professor no ensino de gramática, o principal deles está relacionado com o descaso generalizado pela disciplina de Língua

Portuguesa e com o cansaço que as atividades dessa disciplina causam nos professores e alunos.

Considerações finais

Concluo neste trabalho que apesar de muitos programas estarem voltados para um ensino de qualidade, ainda me deparei com um ensino totalmente tradicional, voltado para uma prática pedagógica improdutiva, desconsiderando o contexto político-social do educando.

Em virtude dos estudos que realizei pude refletir e analisar com criticidade a maneira de está se ensinando e como deve ser ensinado. Todo professor deve considerar os conhecimentos dos alunos, manifestar um comprometimento educativo numa possível análise da língua, facilitar a comunicação e excluir o desnecessário, proporcionar oportunidades aos alunos para que os mesmos façam uso de seus conhecimentos e adequar um trabalho coletivo numa perspectiva de visão crítica.

Bibliografia

NOSSELLA, Maria de Lourdes Chaga Deiró. *As Belas Mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. 4 ed.

Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo de ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC: SEF, 1998.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola* - Campinas, S.P.: Mercado de Letras: Associação de Leitura no Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

RODRIGUES, Neidson. *Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação* - 9 ed. - São Paulo, Cortez, 1993.

VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (coord.) *Repensando a Didática*. 10ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1995. Vários Autores.

ANEXOS

Anexos

1- Preencha corretamente as lacunas com as palavras entre parênteses.

a- As plantas _____ a umidade do ar. (absorvem - absolvem).

b- Mais gostosa era a _____ do doce. (cauda - calda).

c- Apresente meus _____ à sua mãe. (comprimentos - cumprimentos).

d- Você precisa fazer uma _____ análise. (auto - alto).

e- A _____ anual está por volta de 400%. (inflação - infração).

f- O aluno fez uma ótima _____. (descrição - discrição).

g- Houve um _____ atendimento. (Mal - mau).

h- Ele está de _____ humor. (mal - mau).

i - Roubaram alimentos da _____. (despensa - dispensa).

j- Vossa _____ está satisfeito? (eminência - iminência)

l- No baile de hoje, damas não pagam. Só pagam os _____
(cavalheiros - cavaleiros).

m- As amazonas saíram-se melhor que os _____ no salto do obstáculo.
(cavalheiros - cavaleiros).

n- O corpo _____ da escola é menor que o corpo _____ (discente -
docente).

2- Acentue se necessário, as formas verbais grifadas.

- a- Aposentados tem reajuste de 28%.
- b- Este emprego não me convem.
- c- Combustíveis tem aumento de 32%.
- d- Correios mantem o serviço de entregas.
- e- Todos veem meus problemas, menos eu.
- f- Itália retem dez novos iraquianos.
- g- Todos os habitantes da cidade vem prestar homenagem ao prefeito.

3- Complete com as formas verbais adequadas dos verbos ter e vir.

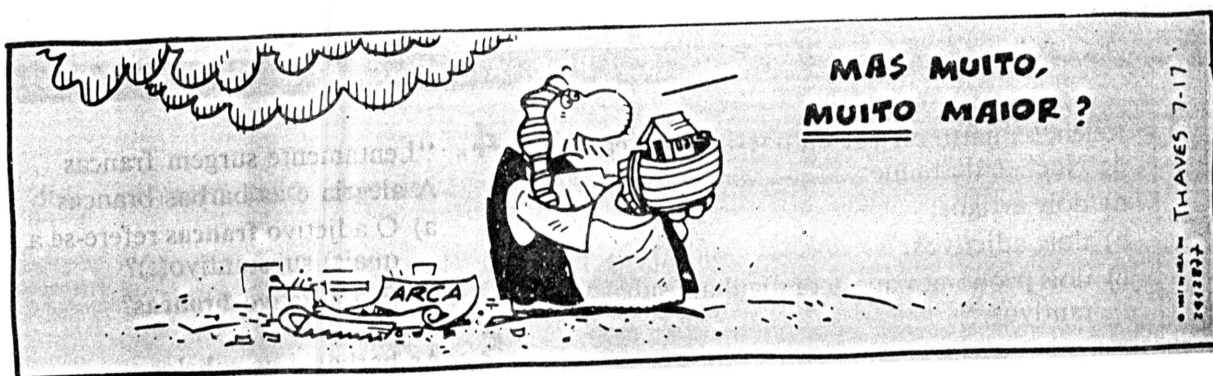
- a- Quando ele _____, os irmãos não _____. (vir)
- b- Poucos _____ muito e este aqui não _____ nada. (ter).
- c- Quando vocês _____ aqui, costumam ficar muito tempo? (vir).

10.



A que classe gramatical pertence a palavra **zero**? Que quantidade ela indica?

11.



A que classe gramatical pertence a palavra **maior**?

Ortografia

E ou I?

As letras **e** e **i** podem provocar confusão principalmente na grafia de alguns verbos. Para evitar equívocos, observe as seguintes orientações:

- Quando o verbo termina em **-oar** ou **-uar**, escrevemos suas formas conjugadas com **e**: abençoe (do verbo **abençoar**), perdoe (do verbo **perdoar**), atue (do verbo **atuar**), continue (do verbo **continuar**).
- Quando o verbo termina em **-air**, **-oer** e **-uir**, escrevemos algumas de suas formas com **i**: sai (do verbo **sair**), dói (do verbo **doer**), mói (do verbo **moer**), influi (do verbo **influir**), atribui (do verbo **atribuir**), possui (do verbo **possuir**).

Agora, vamos reler uma estrofe de "A arca de Noé".

Longe o arco-íris se esvai
E desde que houve essa história
Quando o véu da noite cai
Erguem-se os astros em glória

Você já pode explicar por que **esvai** e **cai** são grafadas com **i**.

VAMOS PRATICAR

1. Procure no dicionário o significado das seguintes palavras:

- | | | |
|--------------|-------------|--------------|
| a) delatar | c) dispensa | e) emigrante |
| dilatar | dispensa | imigrante |
| b) descrição | d) emergir | f) recrear |
| discrição | imergir | recriar |



2. Construa frases com as palavras pesquisadas na questão 1. Atente para as diferenças de significado entre os pares de palavras.

5. Crie palavras, a partir dos elementos:

ante = anterioridade
anti = oposição

+

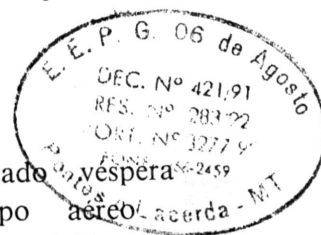
cristão nuclear passado
matéria braço corpo
ontem democrático ácido

3. Copie, em seu caderno, as frases abaixo, substituindo os asteriscos por **e** ou **i**.

- Ela sa(*) todos os dias às 8 horas.
- Atu(*) com firmeza; não recu(*).
- Jeju(*) apenas uma vez por ano.
- A emoção o tra(*) sempre que ele a vê!
- Constró(*) tuas amizades com dignidade.

4. Assinale a única alternativa em que há erro de ortografia.

- É um tipo de jipe que possui computadores para substituir o motorista.
- Dizem que a posição dos astros no momento do nascimento de uma pessoa influi em sua vida.
- Ele que me perdoe mas não posso concordar com esse absurdo!
- O governo atribue a inflação aos empresários e vice-versa.
- Esperamos que a solidariedade entre as pessoas continue, não seja apenas momentânea.
- Embora ele atue no campo da Medicina, não deixa de participar de eventos relacionados à arte.



Acentuação

Verbos ter e vir

A partir deste capítulo, estudaremos algumas regras ou casos de acentuação. Começaremos por algumas formas dos verbos **ter** e **vir**, que normalmente confundem os estudantes.

Vamos retomar uma estrofe do poema "A arca de Noé"

Os maiores vêm à frente
Trazendo a cabeça erguida
E os fracos, humildemente,
Vêm atrás, como na vida.

Temos uma forma verbal — **vêm** — que nos chama a atenção: por que o acento? É só o verbo **vir** que apresenta esse tipo de acento?

Vamos, então, entender o que ocorre: quando conjugamos os verbos **ter** e **vir**, no presente do indicativo, percebemos um fato interessante:

eu tenho
tu tens
ele tem
nós temos
vós tendes
eles têm

eu venho
tu vens
ele vem
nós vimos
vós vindes
eles vêm

Para evitar que as terceiras pessoas do singular (ele, ela) se tornem exatamente iguais às terceiras pessoas do plural (eles, elas), colocamos um acento circunflexo sobre a forma do plural:

ele tem	→	eles têm
ele vem	→	eles vêm
3ª pessoa do singular		3ª pessoa do plural

É por isso que devemos escrever:

Ele tem muitos compromissos. Vocês também têm muitos compromissos? Algumas pessoas sempre têm muitos compromissos.

Ele sempre vem aqui. Vocês também sempre vêm aqui? Algumas pessoas sempre vêm aqui.

A terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos **ter** e **vir** recebe acento circunflexo:

eles têm / eles vêm

Ter e **vir** são dois verbos que dão origem a muitos outros verbos em nossa língua: **deter**, **reter**, **conter**, **obter**, **convir**, **provir**, **intervir**, entre outros. Esses verbos têm conjugação idêntica à dos verbos **ter** e **vir**.

IMPORTANTE

Para que você não confunda o verbo **vir** com o verbo **ver**, compare as seguintes formas verbais:

Verbo vir

ele vem

eles vêm

Verbo ver

ele vê

eles vêem

VAMOS PRATICAR

Copie as frases e versos abaixo, em seu caderno, acentuando quando necessário.

- a) Lá vem o pato
Pata aqui, pata acolá
Lá vem o pato
Para ver o que é que há.
(Vinicius de Moraes)
- b) Lá vem os patos.
- c) Todos os dias, ele ve o pato do lado de lá da cerca.
- d) Todos os dias, eles veem o pato.
- e) O mundo é tão esquisito:
Tem mosquito.
(Vinicius de Moraes)
- f) As borboletas tem grandes olhos negros nas asas azuis.
- g) O salto do tigre é rápido
Como um raio; mas não há
Tigre no mundo que escape
Do salto que o Leão dá.
Não conheço quem defronte
O feroz rinoceronte
Pois bem, se ele ve o Leão
Foge como um furacão.
(Vinicius de Moraes)
- h) Até os ferozes rinocerontes tem medo do Leão: fogem quando o veem.

2. Complete com os verbos **ter**, **ver**, **vir** e seus compostos.

- a) Ontem eu (*) à sua casa mas você não estava. (vir)
- b) Todos (*) os defeitos dos outros mas não (*) consciência dos seus próprios. (ver/ter)
- c) Nem sempre ele (*) o dinheiro da condução; por isso (*) a pé até aqui. (ter/vir)
- d) Estas caixas (*) os alimentos arrecadados na Campanha contra a Fome. (conter)
- e) Meu pai, felizmente, não (*) em nossas decisões. (intervir)
- f) Quando ela (*) o que aconteceu, ficará furiosa. (ver)
- g) Isto não me (*) pois, assim, só eles (*) vantagens. (convir/obter)
- h) Já que nós os elegemos deputados, eles (*) a obrigação de defender nossos interesses quando (*) ao Congresso. (ter/vir)
- i) Você não (*) o quanto está errado? Não (*) o menor remorso? (ver/ter)
- j) Quando Pedro fica assim descontrolado, nada o (*). (deter)
- l) O nível elevado de sal no organismo (*) a água. (reter)

ATIVIDADES

REDAÇÃO

Monteiro Lobato, ao produzir uma rica literatura infanto-juvenil, criou algumas fábulas e re-ou outras antigas e famosas. Lobato publicou com o título de *Fábulas* e montou a seguinte situação: vovó Dona Benta conta as fábulas para a platéia curiosa formada por Emília (a inquieta aladora bonequinha de pano), Narizinho e Pedrinho. Após cada fábula, a platéia faz observações, geralmente interessantes.

Vamos ler a fábula "O touro e as rãs" e as observações de Emília e Narizinho.

Enquanto dois touros furiosamente lutavam pela posse exclusiva de certa campina, as rãs novas, à beira do brejo, divertiam-se com a cena.

Uma rã velha, porém, suspirou.

— Não se riam, que o fim da disputa vai ser doloroso para nós.

— Que tolice! — exclamaram as rãzinhas. — Você está caducando, rã velha!

A rã velha explicou-se:

— Brigam os touros. Um deles há de vencer e expulsar da pastagem o vencido. Que acontece? O animalão surrado vem meter-se aqui em nosso brejo e aí de nós!...

